

Roberto - Fm Telebrasil

vol
176



O Verbo

ENCANTADO

ANO 1

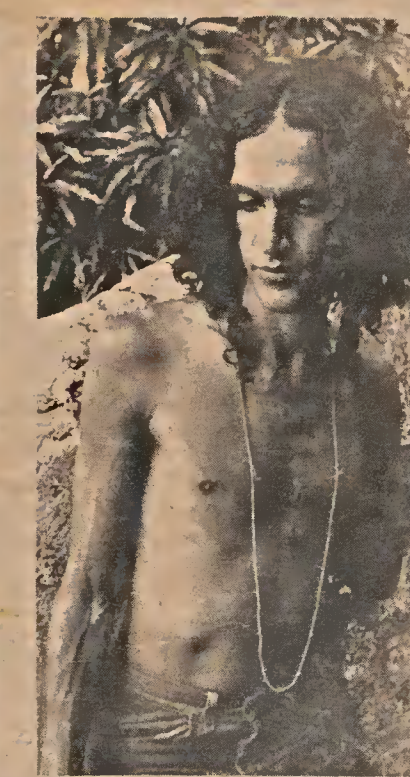
Número 16

fevereiro de 1972

O Verbo circula
todos os sábados
encantado na
tribuna da Bahia
nos Estados da Bahia
e Sergipe, onde não
pode ser vendido
separadamente



CAETANO VISITA O VERBO



GOSTO DE CHAMAR O VERBO
PELO NOME E SOBRENOME:
VERBO ENCANTADO.

CAETANO VELOSO



As fotos são de
DECA e RICARDO LISBOA



EDITORIAL

Noite pesada de cheiros e calores
amontoados...
Foi o sol que por todo o sítio imenso
do Brasil
Andou marcando de moreno os
brasileiros.
Estou pensando nos tempos de antes de
eu nascer...

A noite era pra descansar. As
gargalhadas brancas dos mulatos...
Silêncio! O Imperador medita os seus
versinhos.
Os Caramurus conspiram à sombra das
mangueiras ovas.

Só o murmurejo dos cre'm-deus-padres
irmanava os homens de meu país...
Duma feita os canhamboras perceberam
que não tinham mais escravos,
Por causa disso muita virgem-do-rosário
se perdeu...

Porém o desastre verdadeiro foi

embonecar esta República temporã.
A gente inda não sabia se governar...

Progredimos um tiquinho
Que o progresso também é uma
fatalidade...
Será o que o Nosso Senhor quiser!...
Estou com desejos de desastres...
Com desejos do Amazonas e dos ventos
muriçocas
Se encostando na canjirana dos batentes...
Tenho desejos de violas e solidões sem
sentidos...
Tenho desejos de gemer e de morrer...

Brasil...
Mastigado na gostosura quente do
amendoim...
Falado numa língua curumim
De palavras incertas num remeleixo
melado melancólico...
Saem lentas frescas trituradas pelos
meus dentes bons...
Molham meus beijos que dão beijos
alastrados
E depois remurmuram sem malícia as
rezas bem nascidas...

Brasil amado não porque seja minha
pátria,
Pátria é acaso de migrações e do
pão-nosso onde Deus der...

Brasil que eu amo porque é o ritmo do
meu braço aventureiro,
O gosto dos meus descansos,
O balanço das minhas cantigas amores
e danças.

Brasil eu sou porque é a minha
expressão muito engraçada,
Porque é o meu sentimento pachorrento,
Porque é o meu jeito de ganhar dinheiro,
de comer e de dormir.

VERBO 16, superastro nacional
baiano, brasileiro, universal.
Hoje o poeta come amendoim,
o Verbo come com coentro,
feijoada, cultura, tempero, e glória.
Com Mário de Andrade, Soninha e Alvinho
numa cena de "AMOR E VIDA".
(atentem para os olhos).





PAULINHO DA VIOLA COM A BOCA CHEIA DE DENDÊ

Pegamos Paulinho e fomos até o Mercado Modelo. Lá, enquanto eles almoçavam, o repórter de um desses diários cochichava umas perguntas com muito cuidado pra gente não ouvir. Chegaram depois Paulinho do Camafeu, Chocolate e um pivete. Queriam saber uma porção de coisas e Da Viola respondia com calma. A gente com fome, mas sabendo tudo.

Falou do susto que levou quando Vinícius, Toquinho e o Trio Mocotó entraram de surpresa no palco durante a estréia do seu show. Nego falava como um corno, Falavam de problemas de TV, da entrevista do Sérgio Bitencu com os verbóis e viraram o papo para os puxa-saco da mesma. Paulinho costurava "isto é televisão marron"

— Existem duas classes de sambista, os de

morro e os que ficam bicando. O samba muda como muda a vida, o problema é que para o sambista de morro os elementos novos não acrescentam nada, só tiram dele.

— Quando fiz "Foi um rio que passou em minha vida", eu me senti como enterrando a Portela. A grande inovação era que, numa época em que se faziam sambas curtos, a letra era enorme e a música tinha mil variações. E o pessoal dançou. É que o samba é pura energia, é um ritmo vivo e que evolui, por isso atende ao pessoal.

— O que faz com que as coisas mudem é um problema de consciência de vida e morte, o sangue funcionando e o toque que dá pra cada um, que nunca é o mesmo. A música nasce, evolui, faz-se tudo, esgotam-se as possibilidades de forma, morre na opinião de uns e daqui a pouco nasce de novo. Eu não estou nem um pingo preocupado com esse problema. Eu faço, é tudo.

— Nas escolas de samba as pessoas tratam o violão como viola, daí ser muito comum o apelido de "viola". Um exemplo disso é Chico Viola. Foi Sérgio Cabral e Zé Ketí que me puseram o apelido de Paulinho da Viola.

— O choro me marcou profundamente. Meu pai era um chorão e não admitia que lá em casa entrasse música estrangeira. Os discos do Elvis Presley somente a pouco tempo eu tomei conhecimento.

— Eu gosto muito de Moreira da Silva, é um marginal que não tá aí. Ouço muito todos os seus discos. Eu adorava Miguel Gustavo que compunha pra o Moreira, ele morreu recentemente.

— Eu tou ligado em outras coisas, e não sei falar de Antônio Carlos & Jocafi. Não sei dizer apenas gosto ou não gosto, isto sempre implica em outras coisas.

— Conheci Edu Lobo a pouco tempo, acho seu disco, gravado nos Estados Unidos, muito bom. Não foi editado no Brasil.

— A gente tenta analisar o comportamento de nossa geração, mas não existem medidas pra interpretá-lo.

— O que eu gosto mesmo é de ler, ouvir muito som, futebol (Vasco da Gama) minha mulher e minhas filhas.

— Algumas pessoas guardam da gente uma imagem que não corresponde a verdade, ou melhor aos nossos anseios de trabalho. Exigem compromissos e um comportamento de acordo com aquela imagem fixada e quando isso não acontece dizem que não somos autênticos e alguns até nos taxam de pretenciosos, exigem explicações e nós, imprensados, sem outra alternativa, somos obrigados a dá-las. Mas eu só posso explicar num samba curto.

— Num samba curto (Paulinho da Viola)
Meu samba andou parado
até você aparecer
mudando tudo
lançando por terra o escudo
do meu coração em repouso
ontem numa rocha fria
hoje assim exposto
deixando entrar sem medo a vida
aquilo que eu não via
só agora eu reparei
que não vi seu rosto
e que você partiu
sem deixar seu nome
só me resta seguir
rumo ao futuro
certo de meu coração
mais puro
quem quiser que pense um pouco
eu não posso explicar meus encontros
ninguém pode explicar a vida
num samba curto.

Marco Antonio e José Cerqueira



Você passou no vestibular?

**A Autobasa acha que
você tem todo o direito de
assinar esta carta
e entregá-la ao seu pai**



Quem pensa em Volkswagen,
pensa em Autobasa



autobasa

Revendedor Autorizado VW
(Em frente à Estação Rodoviária)

Papai:

Como o Sr. sabe, esse Vestibular foi uma tremenda batalha. Passei o ano inteiro estudando pacas e curtindo em cima dos livros.

Já nem sei o que é praia: veja como estou desbotando (1).

Ouçô dizer que a onda agora é a micro e que o biquine encolheu.

Nota-se que estou muito por fora: no último filme que eu vi, BB ainda era (2).

Depois de tudo isso, consegui passar. E agora, velho (3), como é que é? O Sr. não acha que um Fusca me estimularia a dar duro na Universidade? (4)

Se o Sr. concorda, entre nessa: A Autobasa está dando a maior colher de chá. Fuscas novos (ou incrementados com 3.000 km de garantia) que o Sr. pode começar a pagar daqui a 6 meses, com 36 meses de financiamento. E pode também combinar parcelas maiores intermediárias, se achar conveniente, para baixar o valor das demais parcelas.

Acho que dá pé. E depois tem o seguinte: no dia que seu carro der galho, o Sr. tem carona garantida.

Termos em que beço deferimento:

(1) Se não for verdade, risque esta frase; afinal de contas, você não deu êsse duro todo.

(2) E, sob certos aspectos, continua sendo.

(3) Sem qualquer ofensa.

(4) E estimularia ainda mais a dar outros duros.



GUMÉ TAVARES



APRESENTA

A Bahia não tem mistério, é clara. Não tem nada de incrível, tudo é possível. As pessoas aqui andam normais para as coisas dadas. A hora do povo do porto e o da calçada é o mesmo relógio de São Pedro. Mozart Santos, repórter que tem o coração despedaçado e o mar que passa na frente da praça Castro Alves é o mesmo movimento. Ver essa intensa simplicidade é se encantar. As conversas sobre negro baiano são babacas, como as sobre comida e arquitetura. Se renascer uma mangueira em toda igreja de São Francisco não aconteceria nada, a Bahia passa tudo. Se virar uma praia como foi no começo, nada, passa disso. Mas, crianças, juntas essas coisas fazem o enorme espetáculo. Fazem esse bolo enfeitado, contudo não vivem só. Uma porção de coisas inúteis, fúteis, é uma flor. Você aguenta ver? Eu no meio do movimento digo que ver a Bahia sem mistério é ver encantada. No meio de coisas sozinhas que se dançam e você sabendo, tá sabendo, é fruta-flor-cor. Noutros dias a Bahia. Agora quero apresentar W. C. Fields?

EU NÃO DISSE QUE A CARNE ESTÁ DURA.

EU DISSE QUE O CAVALO QUE FICA NA PORTA SUMIU.

W. C. FIELDS



MAIS UM CARNAVAL

Cor e som — a cor do som. Alegria, alegoria. Uma alegoria tropical, onde não há pensamento. Mas configurações. As palavras são substituídas pela configuração alegórica. Poderíamos falar metáfora. Mas carnaval também é anti-metáfora, na sua mostra clara e direta do sonho dionisíaco.

Você prefere admitir que o carnaval é uma grande metáfora do futuro? Acho que não, vejamos: a fantasia carnavalesca é a única metáfora que não disfarça. No carnaval insinua-se a nova moral (insinua-se? — não, exhibe-se na sua plenitude). A alegria e o teatralismo de pessoas que se amam, que estão na rua brincando e beijando. Cordões coloridos, confetes, serpentinas, ausência de tudo que possa ser falso. Explosão da naturalidade. E as pessoas se entregando umas às outras.

Em nossos dias, notamos facilmente a profunda esquizofrenia, causada pela bi-partição do ente humano. As pessoas podem ser amáveis, não tolerarem certos absurdos, mas só dentro da sua casa. Quando é posto um paletó, um papel passa a ser cumprido. Da porta da repartição pra dentro, o homem passa a ser uma outra coisa, que não ele mesmo. O paletó e a gravata formam uma fantasia intolerante. Ela não mostra a graça, as linhas do corpo. Na feitura dessa fantasia não entra a criatividade individual. E então o homem não aparece com seu brilho, sua individualidade. Somos todos iguais, mas da maneira mais idiota.

E no carnaval? Todos os sonhos brilhantes da louca tropicália. A fantasia é escolhida com a função de mostrar a sensualidade do corpo, realçar as suas linhas. Forte dose criativa, que parte do fundo do ser. Participação do inconsciente no plano surreal e fantástico. Aqui, anunciam-se os saques da nova consciência — *all the people living for today*. O Aqui-e-Agora metafísico.

Uma realidade ainda de três dias. Cur-tida. Lembro-me de quando estudava geografia, nos tempos do primária e ginasial. A professora repetia sempre — O Brasil é o país do futuro. Muito certo. Não duvidem, crianças.

Estas e outras revelações do carnaval. Ele assume heranças da idade média, num projeto de futuro. Alegórico, estranho bestiário em que os signos devem ser vistos na flor total da sua significação, e não analisados dentro dos esquemas dissecantes do rigor. Não se pode sacar o delírio dionisíaco, a partir de um ponto de vista apolíneo. O carnaval também é a falência dos socráticos. Mas os mortos, se quiserem, podem brincar. A gente empresta o pano pra uma roupa legal.

Um novo Eros está sendo curtido. Na gana, na lama e na cama. Eu podia falar de Marcuse, mas ele ficou no meio do caminho. O novo saque de Eros não exige apenas, dentro da linguagem marcuseana, a abolição da mais-repressão. É a própria cultura que está checada. E não adianta chorar. O futuro-agora pinta no carnaval. Você que está esperando, parta pra outra. Faça o eterno carnaval. Aman-

do a você mesmo e aos outros, é assim.

E você que persiste na pergunta metafísica: o que é existir? Um mestre Zen lhe daria uma bofetada no rosto, ou um beijo. Ou seja: o que deve ser visto é o fato direto, sem deformações. No carnaval ninguém curte racionalmente. Existir é pular carnaval. Onde as pessoas são naturais e simples. Onde nada é pensado, mas feito. Basta abrir os braços, e cantar.

A transcendência está nas pequenas coisas que a gente faz, e em que o ego não influi. O carnaval nos faz readquirir a individualidade perdida na engrenagem do mundo moderno. Mas esta individualidade vem noutro sentido — para além do ego.

Agora, somos todos iguais. Mas cada um na sua. Cada um com seu brilho, sua intuição, sua criatividade. Se você acha que elas não valem nada, errou de cor. Elas valem pelo simples fato de serem suas, e você saber amá-las por isto. Não pense no Bem, nem no Mal. Faça o que gosta, curta a sua barra. É o que está certo.

Afinal, não há paganismo na festa do bezerro de ouro. Deus é ouro. Mas o papo é outro: ouro, sim, mas não no seu caráter competitivo, disciplinado, materialista. Ouro — festa, luz. As pedras preciosas de todos os paraísos, e o poder arrebatador delas. Quando a gente ama o ouro, porque ama a natureza, porque o ouro é belo e brilhante, está afastada a essência "pagã". Carnaval é ouro, mulata é ouro, jóia.

Ecos do teatro grego — os deuses também têm seu dia de amor. Carnaval é alegria, amor. O povo alegre é profano? Deus pode ser tudo, um estado mental. Tristeza, luto e puritanismo são portas abertas pro baixo astral.

Os imbecis do rigor e do puritanismo estabeleceram as regras do jogo. Mas falam da boca pra fora. Ou, quando muito, esqueceram-se que seus mandamentos são lógicos, humanos e limitados. Humano, no caso, implica no oposto. A lógica é consciente e, em cima, unilateral — ela exclui e afirma, o que lhe impede uma compreensão-vislumbre da afirmação transcendental. É o que ensina o budismo Zen.

Não há pecado. Corpo, sexo, beleza — isto é Deus. A sujeira só pinta, quando há repressão. Quando as pessoas encaram o acontecimento repressivamente. Ou seja: a barra é limpa, só depende de

mim. Toda a sujeira que houver, estará na minha mente. Tudo é belo e natural, mas se a mente está envenenada, cheira a deformação e pecado.

Se alguém curte a de Satã, não há de ser nada. (Lembranças das transas alegres de Deus e Mefistófeles, no *Fausto*, de Goethe). Não ponho a mão no fogo, nem penso no assunto. Mas *Abraxas* é uma discussão séria, embora eu acredite desnecessária e inviável. Podem argumentar que o carnaval é o conagração. Deus e o Diabo na terra do sol e da cerveja, a celebração da realidade de Abraxas. Não vou dizer nada. Quando as coisas estão perto, junto, a gente não pensa nelas. Olha.

Pulando de um galho a outro, mas sem sair da árvore: pouca gente, hoje, duvida da existência de civilizações superiores e antigas — Lemúria, Atlântida, culturas pré-colombianas, que falam de seres que aportaram na Terra, vindos da estrela branca, Vênus. Há esta presença do remoto, longes-perto vestígios, no carnaval. Ao lado disto, o retrato cantado e dançado de novo homem. Confortável, amante e curtidor. Laços de Bahia e Atlântida.

O desprezo pela cultura, característico da nova consciência, encontra, no carnaval, a sua glorificação. Pinta a reação a máquina: o desbunde, a aventura, o sensualismo, a loucura, a magia. O pessoal curte em cima da tecnologia. Como o artista *pop*, ao escolher, entre produtos da "era industrial", o que vai utilizar numa dimensão crítica. Cotidiano, bem *pop*, o carnaval é um sarro. Eros brilhando sobre Tântatos.

Roupas divinas, rainhas, mestres, frases, a mostra do Nada. A destruição da lógica e do utilitarismo competitivo. O lixo recriado, e amstras da cultura&civilização penduradas no pescoço. Desfile das deusas da poesia concreta e do barroco. Toques de humor metafísico. As mortinhas e carrascos rebotam alegremente.

A discursaria baiana abandona o sócrático, é sagrada e profana. O reino de Dionísus.

Há muito tempo atrás, Bahia de outrora, as barcas pintaram, indo para a segunda-feira do Bonfim, em meio a lundus e quadras satíricas, ou para Santo Amaro da Purificação. Surgia a barca da transa, espalhando alegria, entre danças indígenas, redememorações, e fortes vestígios africanos. A barca da transa é a alma do povo baiano. As festas, Senhor

dos Navegantes, Iemanjá. As vidas: "navegar é preciso".

Grupos alegres de crianças correndo abraçadas, invadem uma barraca no centro da cidade, navegando "mares de loucura". Baianos & argonautas. A barca sempre está presente nas alegorias carnavalescas. Lembrando fenícios e vikings, entre coqueiros e os tres tempos da Bahia: sol, azul e alegria.

A Bahia é a barca da transa. *La Barca*, de Caetano Veloso e Moacyr Albuquerque. Como são as espeçonaves da ficção científica. Curtidores do Cosmo, no balanço da barca. Navegadores do espaço. A barca pinta e borda, sempre curtindo, sem nunca chegar. A alegoria, também anti-metáfora, do Carnaval baiano: a barca da transa.

O sensual, o pagão, o sagrado. Na Bahia, todo o profano é sagrado. Fatura e sai. O mar dessa multidão. O futuro é a barca da transa. Na barca estão a rainha, a menina gostosa, o bobo da corte, o novo orador de esta prazerosa província.

A atmosfera mágica da Bahia. Carnaval não é, estritamente, explosão do *id*. É um vislumbre louco do inconsciente, que libera o ego. Por isto, falei em fazer o eterno carnaval. É um caminho para o ser. Carnaval é intuição profética, e dedicação apostólica. O salto no escuro, e a sala iluminada. Os viajantes do espaço sabem.

Diana, minha deusa, não se desespere. Venha pra Bahia, no carnaval. Aqui, Adonis topa qualquer transa, ao som da orquestra dionisíaca. O trio elétrico é uma barca iluminada. A barca da transa, navegando "no mar dessa multidão".

Bahia politeísta e pansexual. Estrelas de papel, o sol de Leão — segundo Aloísio, um amigo meu e do Cerqueira — sobre o andrógino. Mick Jagger podia sair de virgem ou ninfomaníaca. O carnaval baiano, um lugar pra Alice Cooper rebo-lar adoidado, e gritar o que bem entendesse.

O fantástico, o surreal, o concreto, a pintura louca de Bosch e Bruegel, a magia, a Noite de Valpurga, das lendas alemãs, as feiticeiras de *Macbeth*. Perfeito. Tudo livre e brilhante, nas ruas da Bahia.

O carnaval é a flor do espírito baiano. Cultivamos. Humor metafísico, transe dionisíaco politeísta e pansexual. Ninguém pensa, faz.

Antônio Risério Filho.



SOLTEM O VERBO

Para ler antes, durante e depois do carnaval

TIO ISIDRO É TIO DA GENTE



Subindo a ladeira do Passo, numa casa das últimas, mora o homem que puxa o cordão dos Inocentes em Progresso. Puxa o cordão no modo de dizer, porque ele puxa, estica e dá o nó, ele próprio se chamou de homem-forte do clube. De 1900 data este e o primeiro desfile com carros (desses que apesar de alegóricos, são caminhões na verdade, as alegorias são as fantasias que se imaginou para ilustrar o carnaval na rua com temas de histórias infantis, contos de fadas e épocas de grande fausto e luxo). E como é que surgiu este curioso nome para um clube de carnaval? Ora, se foi pensando pensando. Lá pelo carnaval dos carnavais de transição do século, justamente num sábado de início da momesca folia, numa pastelaria de nome Fim de Século, na esquina da rua da Misericórdia com a Ladeira da Praça, na Praça Municipal, estavam em torno de cerveja, a conversar, o pai do Tio Isidro e outros, todos eles a querer descobrir um nome legal para o clube que estavam fundando. Como é como não é? E aí passam por ali, a brincar tocando latas, tres meninos. E o velho Isidro (o pai do tio) despertou, taí, os inocentes em andança folia progresso, pum ba ta ta ra ta ta, **INOCENTES EM PROGRESSO**. E daí teve existência e teve várias residências, sedes. Teve sede no bairro da Saúde, teve sede no Barbalho e

agora só não está sem sede porque Tio Isidro alojou o clube em sua casa. Não fora isso, a sede seria na rua, mas a rua é a grande sede, a mais autêntica, real, verdadeira. Problemas de tutu, de ajuda, de terreno, casa, lugar. O clube está parado completamente, mas não tão completamente porque o Inocentes conserva o seu barato de todo ano sair com dois carros alegôs, e todo mundo sabe e já espera na avenida a hora que eles passem, que todo mundo quer ver. Nesses setenta e dois anos em alguns não houve carros, em outros não houve concorrentes e isso é coisa dos anos mais próximos passados porque o Cruz Vermelha e o Fantoches da Euterpe já não desfilam mais. No páreo, sozinho, o Inocentes. A Associação Baiana dos Cronistas Carnavalescos convidou pediu quis que a Rainha do Carnaval Baiano saísse desfilando pela cidade no carro. Tio Isidro me contou que isso é furo. Tá furado. Claro gente, a rainha do Carnaval com o estandarte dos Inocentes, coisa mais representativa, meta-carnavalesca, trans-momesca, mais que essa, não tem, não tem, não pode ter. Tio Isidro é quem bola, cria, e

desenha os croquis dos carros, ele me mostrando os desse ano, alegre de orgulhoso, me explicando. Aqui fica a moçada sentada, é o acampamento cigano, a rainha menina, um tripé, uma fogueira. Ele desenha os detalhes, de vários ângulos, de caneta azul. O outro é o Último Baluarte, aqui são as torres do castelo. Um homem cuidadoso de detalhes. Por exemplo, todo ano ele arma presépios e já ganhou prêmios quando botava água correndo, luz piscando. Ele me levou pra ver o Bronze da Vitória, pelo desfile de Ali-Babá em 1950, e quando abriu a porta da sala, foi aquele choque com o depa- rar-se com toda uma parede tomada com uma tremenda armação de casinhas, bonequinhos, bibelôs e loi- cinhas e trequinhos e quejandos, um mundo de baréis — Tio Isidro acen- de a luz — e luzezinhas e corzinhas. Outra curtição que ele adora e uma coisa que lançou no Brasil foi o des- file infantil saudando a primavera. Há cinco anos que não tem, mas es- se ano volta a ter. Eu mesmo já saí de marinheiro, todo de branco, com bonezinho e tudo num desfile desses e lembro que eu e outro garoto tro- cávamos de lugar a toda hora, por-

que nossas tias que nos acompanhavam queri- am o destaque para o seu sobrinho e a gente ali, perdido na bura- queira (nunca tinha re- parado como as ruas de Salvador eram tão esburacadas) pra lá e pra cá, sem sacar direi-

tinho aquela delas, podes crer ami- zade, aquele incentivo. E lá se vão quinze anos de tempo. Mas era isso a primavera. Do Campo Grande até a Sé. Tem muita gente pedindo a ele que reviva o desfile dessa festa que se gosta muito de desfile e ele também gosta. De levar a distração à criança, de criança.

Como bem se vê pela própria casa em que vive a morar. Numa ladeira da Bahia, de fachada rente na calça- da, com sala de frente ligada a sala do fundo por corredor com portas

dando pros quartos. E a sala ampla dos fundos que é a sala de se fazer refeições e que na direção do corre- dor se vai dar na cozinha e no ba- nheiro e que é uma sala muito ven- tilada porque não tem construção

por trás e dá pra paisagem de telha- dos. E nas paredes da casa, enfeites e estatuinhas, e vasos e móveis de jacarandá, a austeridade infantil, a

sisudez da brincadeira, como se o carnaval fosse uma festa da prima- vera.

Armindo Jorge Bião



Em 1950 foi de arrancar rabo
— e assim falou Isidro —
eles se bateram
o tema foi Ali Babá e
os Quarenta Ladrões
e eram quarenta cavalos
e muita gente
e todos iluminados
com luzes na cabeça
eram pilhas elétricas
com fios descendo por dentro
por baixo da roupa
e isso tinha na cabeça
dos cavalos e das pessoas
e na rua foi aquela sensação
e alegria foi assim
que Tio Isidro contou
alegre e recordante
relembrando o desfile
que lhe deu a vitória
entre os clubes do desfile
de dos carros alegórias
festas folias glórias
pelo clube campeão
Inocentes em Progresso
o clube de Tio Isidro
e sua vida e alegria
e contando esse fato
e falando do clube:

EU AINDA SOU A CHAMA'



**VEM
MEU GRANDE
AMOR**

Vem
meu grande amor
Para
os braços meus
Eu não sei
viver
Sem os carinhos
teus (bis)
breque,
vem meu amor

Eu fiz esta
linda canção
Para você
se lembrar de mim
Ouça
com muita atenção
A melodia
é assim
Laia,
laia, lá.
lalalaiá,
laia, lá.
laia, lá
(bis)

Composição
de Zé Pretinho
da Bahia
e Osvaldo
Nunes

Gravação
CBS.

**3º ano colegial
e pré-vestibular
juntos?**

**ADOTE UMA SOLUÇÃO
INTELIGENTE**

**CONVENIO
Colegio S. Salvador
e
Colegio Universitario**

**o melhor curso
pre-vestibular
da cidade**

**TURMAS LIMITADAS
MATRICULE-SE NO**



**Colegio Universitario
da Bahia**
AV. SETE, 211 — TEL. 3 5793

Bondinho Transbunde*

*Esta expressão, TRANSBUNDE,
foi criada por Cae taço quai-
do dava sua entrevista ao
Bondinho.

A volta:
Gil/Cae
Capinam
Macalé
Guilherme

LOUCURA:
Bonde 34 taí nas
bancas, com (loucura!)
um compacto duplo de
Gilberto Gil - 4
músicas
inéditas. TUDO
por 2 cruzeiros!

GIL CANTA: EXPRESSO 2222/FELICIDADE
VEM DEPOIS/O SONHO ACA-
BOU/ORIENTE

LÍRICA RICA
GRÉGORIO
DE
MATOS GUERRA

Despede-se o autor da Cidade da Bahia, na ocasião em que ia degredado para Angola de Potência, pelo Governador D. João de Alencastre.

*Adeus praia, adeus cidade:
Agora me deverás,
Velhaca, o eu dar a Deus*

A quem devo ao demo dar.

*Quero agora que me devas
Dar-te a Deus, como quem cai;
Sendo que estás caída,
Que nem Deus te quererá.*

*Adeus, povo da Bahia;
Digo canalha infernal:
E não falo na Nobreza,
Fábula em que se não dá:*

*Porque o Nobre, enfim, é nobre
Quem honra tem, honra dá
Pícaros dão picardias;
E ainda lhe fica que dar.*

*E tu, Cidade? és tão vil,
Que o que em té quiser campar,*

*Não tem mais do que meter-se
A Magano, e campará.*

*Seja ladrão descoberto,
E qual Água Imperial,
Tenha na unha o rapante,
E na vista o perspicaz.*

*Compre a uns, e a outros venda;
Que eu lhe seguro o medrar:
Seja velhaco notório,
E tramoeiro fatal.*

*Compre tudo, e pague nada:
Deva aqui, deva acolá:
A vergonha, e o pejo perca;
E se casar, case mal.*

*Com Branca não, porque é pobre:
Trate de se mascavar:*

*Vendo-se já mascavado,
Arrime-se a um bom Solar.*

*Porfiar em ser Fidalgo
Que com tanto se achará:
Se tiver Mulher bonita
Gabe-a por onde se achar:*

*De virtuosa Talvez,
E de entendida outro tal:
Introduza-se no burlesco
Nas casas onde jantar:*

*Que há Donzela de belisco,
Que aos punhões se gastará.
E faça-lhe um galanteio
E um frete, que é o principal*

*Arrime-se a um Poderoso,
Que lhe alimente o Gargaz;
Que há pregadores na Terra,
Tão duros como no Mar.*

*A estes faça medidas,
A título de agradar;
E conserve o afetuoso,
Confessando o desigual.*

*Intitule a Fidalguia;
Que eu creio que lhe crerá,
Por que fique ela por ela
Quando lhe ouvir outro tal.*

*Vá visitar Amigos
No engenho de cada qual;
E comendo-os por um pé,
Nunca tire o pé de lá.*

*Que os brasileiros são bestas;
E estão sempre a trabalhar
Toda vida, por manter
Maganos de Portugal.*

*Como se vir homem rico,
Tenha cuidado em guardar;
Que aqui honram os Mofinos,
E mofam os liberais*

*No Brasil, a Fidalguia
No bom sangue nunca está;
Nem no bom procedimento:
Pois logo em que pode estar?*

*Consiste em muito dinheiro,
E consiste em o guardar:
Cada um guarde bem,
Para ter que gastar mal.*

*Consiste em dá-lo a Maganos,
Que o saibam lisonjear,
Dizendo que é Descendente
Da Casa de Vila Real.*

*Se guardar o seu dinheiro,
Onde quiser casará;
Que os Sogros não querem homens;
Querem caixas de guardar.*

*Não como o Genro, nem vista,
Será Genro Universal:
Todos o querem por Genro;
Genro de todos será.*

*Oh! Veja eu assolada
Cidade tão suja e má,
Avesa de todo o Mundo;
Só direita em se entortar.*

*Terra que não se parece,
Neste Mapa universal,
Com outra: ou que são ruins todas,
Ou somente ela que é má.*

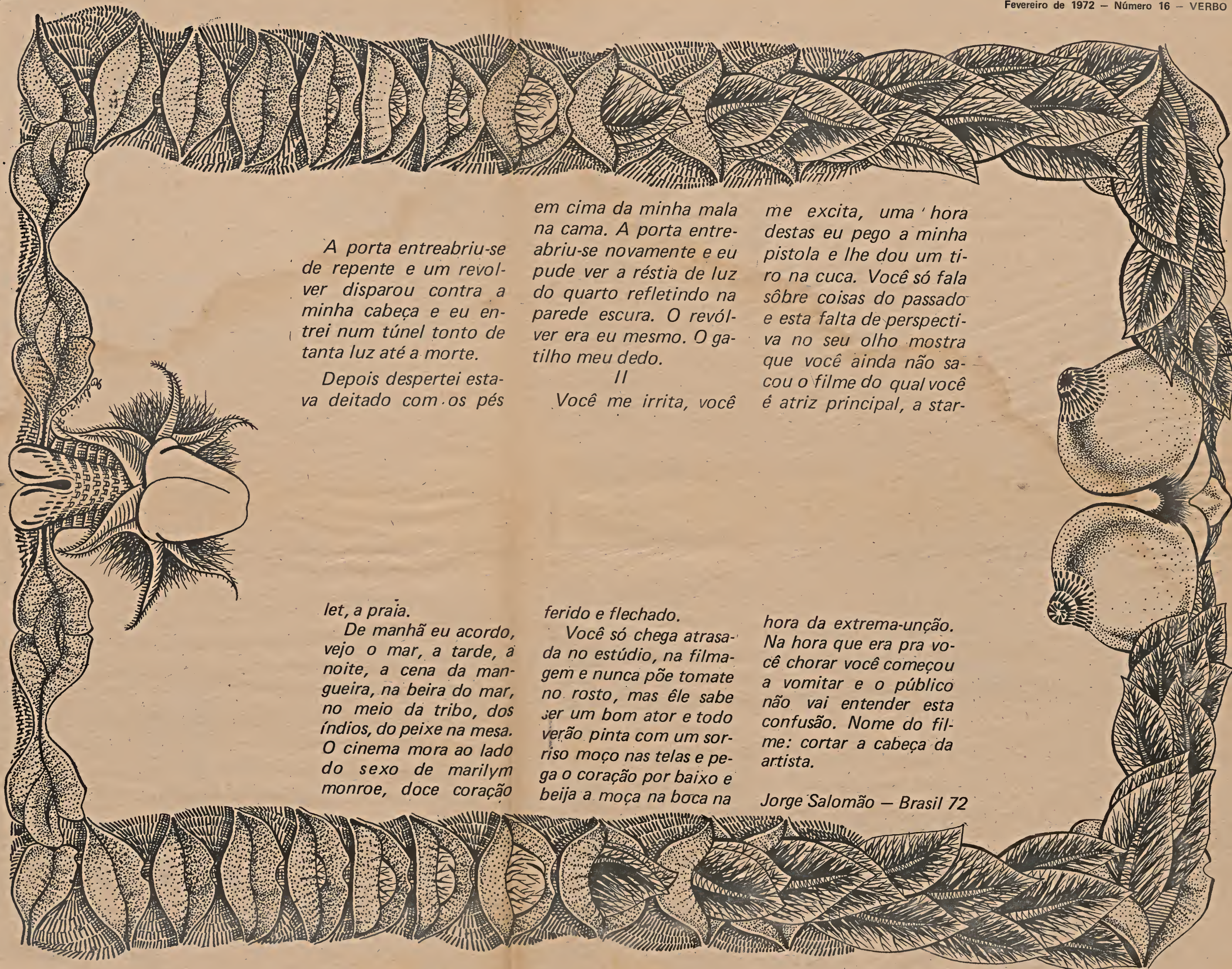
BOCA DO INFERNO

poeta baiano do século XVII



A black and white photograph showing a woman in a white tank top and dark skirt standing in the foreground, looking towards a group of people lying on the floor. The floor is covered with a patterned rug or mat. In the background, there is a wall and some furniture, including a table and chairs. The scene appears to be indoors, possibly a classroom or a meeting room.

LEVES TROÇOS



A porta entreabriu-se de repente e um revólver disparou contra a minha cabeça e eu entrei num túnel tonto de tanta luz até a morte.

Depois despertei estava deitado com os pés

em cima da minha mala na cama. A porta entreabriu-se novamente e eu pude ver a réstia de luz do quarto refletindo na parede escura. O revólver era eu mesmo. O gatilho meu dedo.

II

Você me irrita, você

me excita, uma hora destas eu pego a minha pistola e lhe dou um tiro na cuca. Você só fala sobre coisas do passado e esta falta de perspectiva no seu olho mostra que você ainda não sacou o filme do qual você é atriz principal, a star-

let, a praia.

De manhã eu acordo, vejo o mar, a tarde, a noite, a cena da mangueira, na beira do mar, no meio da tribo, dos índios, do peixe na mesa. O cinema mora ao lado do sexo de marilyn monroe, doce coração

ferido e flechado.

Você só chega atrasada no estúdio, na filmagem e nunca põe tomate no rosto, mas ele sabe ser um bom ator e todo verão pinta com um sorriso moço nas telas e pega o coração por baixo e beija a moça na boca na

hora da extrema-unção. Na hora que era pra você chorar você começou a vomitar e o público não vai entender esta confusão. Nome do filme: cortar a cabeça da artista.

Jorge Salomão — Brasil 72

no Dicionário Underground. Ele vem de Londres, fez os shows com Caetano. Verbo morria de saudades de Macalé e Giselda. Como esperava alegrou-se com a beleza de Macalelda. Macalé, lento, súbito, músico, lindo. Macalé rodeado pelos entrevistadores (G. Melo, Moleque Pereira,

Athenodoro Ribeiro, Alvinho Guimarães, Antazinha, Nêgo Nisio, quase todo o Verbo foi. Fal-
tou luz, mas Ricardinho Lisboa fez as fotos) Ma-
calé da praia de Londres dos palcos da rua para o
Verbo.

M DE MACALÉ

MOLEQUE É o que eu queria ser e não sou.

MISSA Eu não ia à missa há mais de . . . quanto tempo? há mais de dez anos. No Natal assisti uma. Entrei, fui até o fim, me comunguei, que coisa boa que eu senti, rapaz. O ritual é muito bonito, estranho, há muito tempo eu não ia.

MÚSICA Não se divide. É assim passando, de

leve. Não é isso? É passando. Não sei, é música.

MINI—MISTÉRIO É a santíssima cidade.

MICK JAGGER É uma barra pesada, é isso, uma barra muito pesada.

MICK TAYLOR Boneca maravilhosa, fantástico.

MAR É tão bonito.



MODERNIDADE O cara que toca rabeca na banda de pífanos de Bom Jardim. Que barra pesada, o cidadão representa a modernidade. Ele gosta de tocar, não sabe tocar, mas entrou na banda. Instrumentalmente, musicalmente, é muito bom.

MULHER Tem tanta mulher de verdade. São tão bonitas. Tem umas que eu nem conheço mas são maravilhosas, que são maravilhosas, são.

MOVIMENTO POP Foi bom.

MOVIMENTO DOS BARCOS Não sou eu quem vai ficar esperando. Não curto.

MARAVILHA Maravilha é a capa do O Cruzeiro de Carnaval. Já viu? Uma bandeira maravilhosa. Fantasias premiadas, pedrarias, uma loucura o que essas pessoas curtem no carnaval. Os nomes das fantasias, umas bandeiras.

MALDADE Essa caretice em cima da gente.

AS CIGARRAS

MARIA BETHANIA

Ah, bonita, legal, maravilhosa, continuo apaixonado por ela, com calma.

MÊDO

Que soltem a bomba atômica. Tenho um medo retado. Já marquei com alguns amigos, qualquer problema a gente vai ver o maior espetáculo da terra, que é a aurora boreal, no polo sul. Quando pintar sujeira a gente vai. Há os que gostam. Eu não gosto. Tenho medo.

MANDINGA

Já quebrei sete espelhos. Sete vezes sete, quarenta e nove anos de azar. ha, ha, ha!

MACUMBA

Por incrível que pareça, rapaz, macumba eu curto de forma diferente. eu curto. Queria curtir de verdade, mas não tanto assim inda não. Fui criado naquele negócio de católico fechadão, terrível. Vou curtir, quero saber o lado importante.





MORTE É a rainha que reina sôzinha, não é não?

MILES DAVIS Ah o Miles tem um sopro no jazz, aí pegou o que tinha que ser aproveitado no pop e mandou ficha. Foi isso, tinha que ser aproveitado mesmo. Os três discos novos são assim. O JJ Johnson é onde ele está mais claro.

MALUQUICE É o que Giselda vive dizendo que eu faço e eu vivo dizendo que ela é que faz é o que a gal diz que eu faço e eu digo que ela é quem faz. É o que o gil diz que eu faço e eu digo que eu faço e eu digo que ele é quem faz. E assim sucessivamente, sucessivamente.

MARILYN MONROE Saiu uma foto dela no Verbo? não, foi na intervalo, com Chico Xavier (gargalhada geral) Coitadinha. O que é que eu vou dizer dela. Ela tá lá, tão direita, fez tudo que devia.

MARTA RÔXA Não conheço. (as pessoas descrevem, contam casos) Deve ser linda.

MORAIS E GALVÃO Maravilhosos. Morais está cantando tão bem, músicas tão bonitas (começa a tocar "preta pretinha" música dos novos baianos para carnaval, uma

marchinha, que caetano também canta no seu show. Entrevistadores maravilhosos.

MCARTNEY Ah, não sei. Sabe que eu nunca mais ouvi. Aliás, ouvi. A última coisa foi "the long and winding road". Eu posso não gostar, mentira, ele fez muita coisa boa, depois passa a ser uma pessoa esquisita. John Lennon briga com ele de carta aberta no Melody Maker, na Inglaterra. Pede pra ser chamado de John Yoko Ono Lennon, que não o chateiem mais com o tal do dinheiro da apple, que ele não quer saber de nada disso. E xinga e tudo. E o paul responde que bebe chorão é a mãe, que o john é isso e aquilo.

MORADA Eu não tenho onde morar. . . é mesmo, agora eu já não tenho.

MÁGICA João Gilberto. Muito estranho, rapaz, mas o que dizer, é mágico.

MORRISON, JIM Não ouvi. Ouço pouquíssima coisa de pop, assim de ouvir mesmo. Que coisa estranha, the doors. Eu ouço o cream, jimi hendrix, beatles, o resto era jazz, coltrane e rolling stones, de-



pois. Nunca ouvia. Quer dizer, ouvia, mas não ouvia, ouvia.

MA VIE Vai indo, indo, indo, indo, indo.

MACROBIÓTICA Sou contra. A não ser que adaptem a macrobiótica a esse país. Alguma coisa que continue provocando a longa vida. Porque vê o chines, carrega séculos, tradição, cultura, comendo arroz. Aí tem que arrumar um jeitinho aqui. Talvez surja uma coisa com outro nome, inclusive, no mercado.

MICRO A moda como é, legal, sobe e desce. Vive subindo e descendo.

MITO O Minotauro. Só. E alguns outros.

MÍNIMO As pessoas viverem.

MÁXIMO As pessoas viverem, claro.

MARÍLIA PÊRA Não sei, eu li. Ela é legal, né. Está fazendo Carmem Miranda lá no Rio. Queria vir. Vi um pedacinho na tv. É gozado. Deve ser fantástico.

MARA RUBIA Assistia muito os espetáculos to-ne-

lux. Uma vedete fantástica, coristete.

MARIA FELIX Sonho total, incrível, maravilhosa. Eu via na tv de repente, em cor. Eu não queria sair dali. É tão bonita a tv colorida o pessoal me arrastando para o aeroporto pegar o avião. Tão bonita. Fiquei apaixonado por ela.

MOISÉS Passe pra outra.

MÃE Eu tenho duas igual a complexo de Édipo duplo. Meu problema é mais grave, tem alguma gravidade.

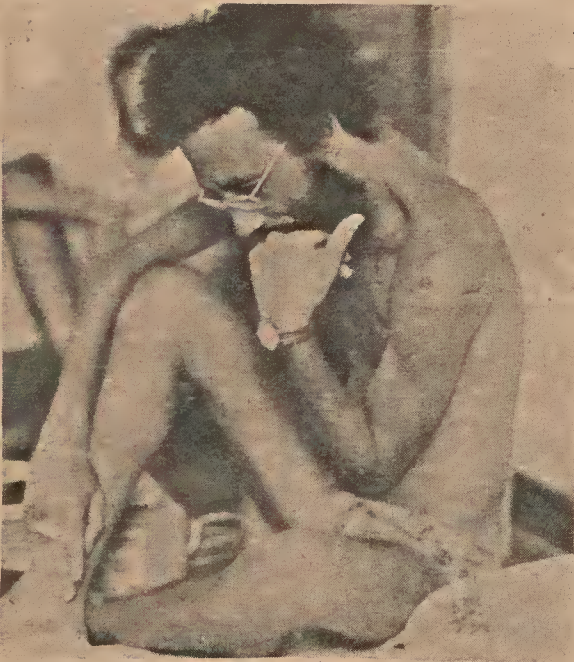
MARIA CALLAS Grande cantante, ex-onassis, apaixonada por um tutuzinho.

MACALÉ. Esse. . . é forte. É bacana.

MANIA Filmar e gravar tudo, tudo, mas tudo mesmo.

MARGINAL É o que está a margem. A definição não é essa mesma; acho que todos estamos à margem.

MAQUIAVEL Maquiavélico.



FILHOS DE GANDHI

Mahtma Gandhi foi um grande estadista Indiano, que lutava pela paz e amor para o seu povo, que muito lhe adorava. Ele morreu e a sua figura de um bom homem virou lenda. Como fazem há 22 Carnavais, mais uma vez vão desfilar para o melhor Carnaval de rua do Brasil, "Os Filhos de Gandhi", grupo Afoxé, de caráter Afro.

Por volta de 1949, um grupo de baianos, que seguiam ao pé da letra, a política de Mahtma Gandhi, resolveu criar um bloco para o Carnaval, baseado em sua pessoa. Seu presidente é Alberto Anastácio da Cruz, o conhecido Betinho. Os "Filhos de Gandhi" são caracterizados pela sua alegoria e muita curiosidade está depositada no seu batuque de Candomblé.

O papo com Betinho foi na Sutursa. Ele falou que houve ocasião em que 700 pessoas desfilavam nos "Filhos de Gandhi". "Quantidade não representa qualidade, e fomos botando muita gente que não prestava prá fora", disse. Atualmente eles desfilam com 150 figurantes, que são sempre bem aplaudidos nas ruas, em dias de Carnaval. Todos dão passagem para o bloco passar.

"Todo Afoxé é válido. A Bahia precisa de Afoxéis. Só te-



TRECO CARNAVALESCO

mos sete". Quem diz isto é Tourinho, Diretor da Sutursa, presente ao local da conversa. Betinho voltou a falar. Comentou a alegoria ao vivo que será apresentada este ano. Vai ter até cabra viva, desfilando na avenida. Muita coisa é surpresa, por isso ele

prefere não revelar, ou melhor, pedir prá não colocar no jornal.

Nos "Filhos de Gandhi" desfilam até estrangeiros. É só querer. Mas a sua maior parte é formada por negros. Betinho explica porque: "o negro se liga mais ao Candomblé, é este o motivo".

Depois acrescentou que lá tem do engraxatê ao médico, com os mesmos privilégios.

Apesar de sair com vestimentas e manias indianas, os "Filhos de Gandhi" são de características africanas, destacando-se o batuque do Candomblé. Os instru-

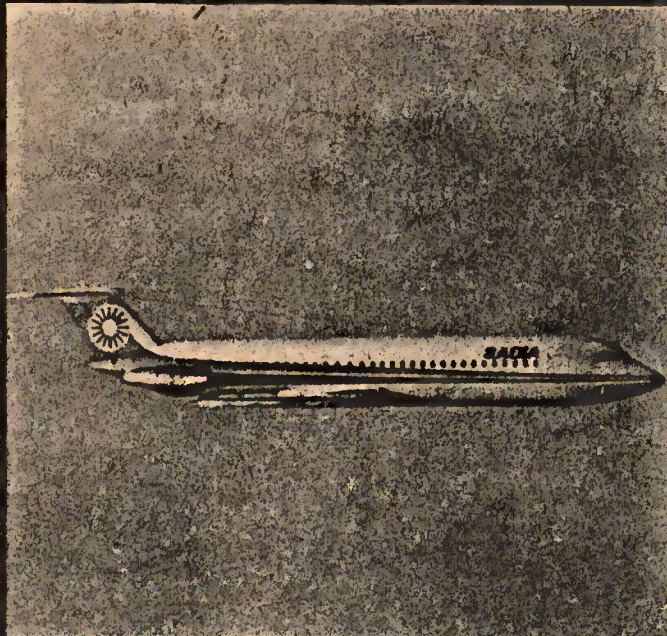
mentos usados nos dias de Carnaval são: atabaque, agogô, caxixi, e cabaças. Eles só saem no primeiro e no terceiro dia, quando então se apresentam por quase toda a cidade, principalmente nos bairros, onde são bem queridos.

"Tudo que nós fazemos, tem fundamento", diz Betinho. Para uma pessoa sair com "Os Filhos de Gandhi" é necessário que tenha sido apresentado por um sócio, que responderá por ela. Tornando-se associado, nos dias de desfile, quase sempre é prudente, ser orientado por Helena, a Mãe de Santo do bloco, que dá uns "sacudimentos" no sujeito, livrando-o dos maus espíritos. Um banho de folha depois, não é nada mau, principalmente para os que figuram com destaque.

As quartas e aos domingos são os dias preferidos para os ensaios, que são realizados na sede, situada na Avenida Vasco da Gama, no Caminho de Dentro. Betinho gosta de falar da amizade que existe entre os Filhos de Gandhi daqui, com os do Rio. São como irmãos. Quando um baixa no "terreiro" do outro é sempre muito bem tratado. Afinal, todos são "Filhos de Gandhi", e estão aí, no Carnaval do Brasil.

Nelson Rocha

**Você
nem imagina
do que a Sadia
é capaz
para ter
você
aqui dentro.**



SADIA

RESTAURANTE E DRINKS APOLO

R. MIGUEL CALMON 3, 1º AND
TEL. 2-0970 SALVADOR - BA



O
SEU
JANTAR

Ar condicionado.
música estereofônica.

CASA NOVA ESPORTE



Esportes, Tecidos em Geral
Rua Lopes Cardoso, 14 - Telef. 3-1508
SALVADOR - BAHIA

ONDE SÃO SERVIDAS AS COMIDAS DOS ORIXÁS

Maria de São Pedro era uma rainha da Bahia.

feita de porte, bondade e arte

Jorge AMADO

**restaurante
maria de são pedro**

mercado modelo



TREKINHOS

Na grande Avenida Sete da Bahia no coração bem batido do centro de Salvador, confronte em frente in front of de cara com cara com o Mosteiro do São Bento, é quase já na ladeira do São Bento: avenida Sete de Setembro, número 23, segundo andar, sala 301. Está localizado. O que? Pisque os olhos, olhe o passarinho: ATELIER FOTO ARTÍSTICO SÃO LÁZARO. O melhor da Bahia de retratos, fotos, todo tipo tamanho barato que voce esteja procurando no setor. ATELIER FOTO ARTÍSTICO SÃO LÁZARO do Valdomiro Pereira Marques, simpatia próxima de familiar da gente que lhe procura lá para realizar o trabalho profissional, que é o mais quente, que é o mais quente e que no lugar central que fica, não lhe é difícil ir ou encontrar. E você bote as mãos nas cadeiras e mexe e remexe que eu quero ver você dizer que o trabalho que o Valdomiro faz com sua equipe no ATELIER SÃO LÁZARO não é o mais quente.

Se você em sua casa usa, ou tá precisando de basculhantes, portões, portas, qualquer tipo de trabalho em serralheria bem trabalhado, bem curtido com atenção e cortesia, visite seu mestre serralheiro Miro, Waldemiro, Escoteiro na ladeira da nossa padroeira Conceição, n. 8. Pode chegar, pode vir, podis ir qui serás, verás o pro-

blema resolvido.

Para sacar melhor, viajar é sempre quente. E de presente de férias, Adoniran Andrade Cunha vai ver melhor como é que é que são as transas e as transas por Portugal, Lisboa, Madri, Paris, Roma, Londres. Sob o patrocínio da TAP, SADIÁ e AIR FRANCE ele vai. Boa Viagem.

Voltou ao seu lugar, a ocupar a cadeira depois de um passeio pela feira. E já está no posto seu naquele edifício todo verde de vidro do BANE, o senhor cara gente Carlos Arthur Catucy.

Serviços gráficos legais de bem feitos em conta de bem transados você pode mui bem encomendar de descansado na Autográfica de Orlando, na Ladeira do Pax. Pax imprex pi-rex.

Barzão bar bonzão na Boca do Rio sem número restaurante bem bom de esfuziante, Ciomara disse que garante, ela esteve lá com parentes e curtiu de bem lembrar o place local situation.

O carnaval na Dique House está a cem cruzeiros a mesa com direito a garrafa de whisky. Lugar bom de aconchegantezinho e defronte o Dique do Tororó pra você se refrescar com a visão ou mesmo com a água quando você estiver quente de se derretendo.



OS 1.900 AMIGOS DO BARÃO 2.001

lá lá lá lá lá — bis
você é sensacional
lá lá lá lá lá — bis

Danusa Leão Erlon Chaves Denner
Brigitte Bardot Chacrinha Luana

quem gosta de samba
e tremenda animação
sai no carnaval
no bloco do barão

E o Barão de Mocofos sai de jipe
cantando assim:

barão é o bloco do amor
onde a tristeza não cabe
curtindo sempre assim
viemos prá lá de normal
a vida só é ruim
prá quem não sabe
gostar de carnaval

O nível da glória dos amigos do Barão

Luana, sabe, eu soube, recebeu em Paris usando a mortalha do Barão. Custa cem contos, é vendida nas principais boutiques da Rua Augusta. Vivemos financeiramente vendendo as nossas mortalhas. Criação André Sá. O bloco só tem 5 aninhos mas vem passando, já, de geração a geração.

1.900 1.900 1.900 1.900 1.900 1.900
1.900 1.900 1.900 1.900 1.900

Eles não chegam até o palanque. Voltam do Guarani. Quem falou foi Ciro Coim. Que disse também que a bateria é a do Corpo de Bombeiros e o carro alegórico dos Fantoches da Euterpe. As mulheres não precisam de mortalha. Ainda bem? O bloco sai do Campo Grande, ali nas imediações da casa do Cardeal. No sábado de Carnaval hasteiam até bandeira no Hotel da Bahia. E entregam ao cara que não consegue arrumar mulher a Faixa do Biela. Interessante.

Os irmãos Macedos são sérios concorrentes ao repeteco. Foram entregues por da Graça, Coim e Pinto.

Barão, Barão, Barão e 2.000 e fim.

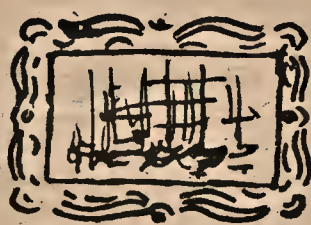


LEÃO ROZEMBERG

fotos e filmes

CARLOS GOMES, 20/22
BAHIA — BRASIL

TELS. 3-5181 - 3-5182



Sue

Galeria de Arte

AV SETE, 35/37 - S/312/13 SALVADOR TEL. 3-4773

BARRACA OGUM



de BERNARDINO MACHADO

Autentico artesanato em:
Couro, Missanga, Cobre, Jacarandá,
Prata, Lapidação em cristais e garrafas.
Artigos exclusivos,
preços sem compêdior.

Mercado Modelo - 1.º andar - Quadra L n.º 8 - Salvador-Ba.
Torreão - Quadra O - n.º 2

a Imperial
móveis Ltda.

MOVEIS E DECORAÇÕES
CLASSICOS E MODERNOS
ADORNOS E PRESENTES

VENDAS A CRÉDITO

FILIAL: RUA RECIFE, 1 - ESQ. C/ MARQUES DE CARAVELAS - BARRA AVENIDA
TEL.: 5-4610
SALVADOR - BAHIA



No canto, no lado, na esquina, barraca da ponta, a primeira, esse é o lugar de ponto, balcão aonde fica. Fenix, o mago rei nobre da aristocracia elite da batida. O que ganhou o 1o. Festival em São Paulo no Solar de Amigos, vice-campeão, com a batida de limão de sua criação. O Fenix, por que seu nome é Fenix; ou melhor, como é seu nome? Fenix mesmo, que foi minha tia quem botou, tia Edwiges Duarte de Oliveira, porque em Cachoeira tinha um alemão que tinha uma fábrica de cadeados de marca Fenix. Por isso meu nome é Fenix, o outro é igual ao do vizinho, sou xará de um vizinho de barraca aqui no Mercado. No 2o. Festival levei a Escada de Macaco, que não deixaram mostrar, e a batida vencedora ninguém sentiu o gosto. Quantas variedades de batidas você faz? Mais de quarenta variedades, eu mesmo faço a dosagem, misturo as coisas. Você bebe? Eu tenho que provar pra saber se tá boa. O que é que mais procuram de batida aqui pra beber? É a batida Fenix e a Escada de Macaco. Quais são as coisas que tem dentro, o que é que tem na batida do Macaco por exemplo? Tem catuaba e pau de resposta, as raízes afrodisíacas, tem ovos de codorna, com casca, também afrodisíaco, são sete preparos, mas os outros eu não posso derrubar senão vão fazer em meu lugar. É casado, sou e tenho uma filha só, uma menina chamada Helenice. Há quanto tempo você faz e vende? Há quinze anos. Comecei no antigo Mercado Modelo, passei pelo Popular e agora estou aqui. E estava quando fomos, na

MERCADO MODELO

tarde em que passamos lá. Nos trouxe a batida das mais estranhas, a própria Escada. E caviar, ova de peixe, que não é muito conhecido, com pimenta. Fenix, um mago alquímico cara rei das batidas. Deu água a quem chegou e pediu, a nega veia que sempre encontramos lá no Mercado. E cerveja a outra pessoa que também passou, e falou.

Entre o mar e a marinha, a praça e a milícia, a rampa e a farmácia, no meio da mássia, população, cidade baixa, perto demais, com muita graça, ponto referência, como o máximo próximo e alto monumalto, elevador ou monumento, muito prédio e movimento. No reinado do Sr. D. Pedro II se construiu este edifício d'Alfandega, o qual ficou concluído no ano de 1861. Isto está escrito inscrito sobrescrito na entrada da porta principal. Na rua da porta principal tem uma árvore. A árvore tem uma história. Ela está ali e dali não pode sair que ninguém lhe tira, e não tira porque não pode, ela é tombada. Tombada, mas não caída, é um pé de árvore em pé. E sabe-se que não se pode derrubá-la. Porque é tombada pelo Patrimônio Histórico. E isto porque quando o imperador D. Pedro (de Alcântara Bibiano, Rafael, ele mesmo) II esteve aqui e neste sítio andou trotou

passou a cavalo e bem naquele tronco árvore amarrou o seu cavalo? Histórias istórias estórias que se contam. O que se sabe ao certo é que quando se partiu para fazer a linha de bonde por ali, a ordem foi que se desviasse a linha mas que não se derrubasse a árvore. E lá está. O tamarineiro, entre a praça e o mercado. Lá dentro 204 barracas incluindo duas que não são porque são restaurantes e outra que é lanchonete. Mas ainda tem barraca vazia que são 270 no total e as outras estão se arrumando. E do mais variado que bem se sabe que mercado tem variedade. E varia, de gente, de transa, de produto, consumo, mercado, preço. Balangandans de prata tem o maior dinheiro pra se comprar pela quantia de mil e duzentos. E uma santa de madeira, a nossa santa, padroeira da Bahia que lá tem em imagem no Mercado de guardiã e pra vender pelo preço de mil e oitocentos cruzeiros em madeira trabalhada a mãos, é a peça mais cara, a coisa mais valiosa, o objeto mais santificado, bela, linda e preciosa.

Quanto é a dose? Pra se pagar é um cruzeiro. A garrafa é dez cruzeiros. Fenix está ali, por dentro por fora por trás do balcão, aonde, na testa da barraca ou frontespício, tem es-

crito o seu nome: Fenix. E tira-gosto, lambreta, ostrinha, coisa de sal pra acompanhar a biritá, ele foi o primeiro a vender, ainda no antigo Mercado Modelo, há quinze anos, a primeira lambreta do Mercado foi ele quem trouxe. E caviar amarelo ova de peixe grande também tem a venda na barraca. Todo 31 de dezembro tem festa, ele oferece uma salada de bacalhau e batida, depois do meio dia, para o povo. Qual é a cachaça que você usa? É Saborosa, é saborosa e Jacaré, que no fim tudo dá no mesmo, na batida. do Fenix.

Armindo Jorge Bião

MERCADO MAGO

Mercado Modelo, modelo diante dos mil mercados feiras da cidade — amor. O antigo, o primeiro pegou fogo, já era, isso em 69, tragédia total, disastri, a cidade de luto, como no tempo do incêndio da água de meninos. O bonito tá na sua arquitetura di um tempo di sempre. Agora ele funciona, existe no antigo prédio da alfândega fundado por ordem de D. Pedro segundo em 1861 na formosa praça Cairu, aonde fica o monumento arte, de Mario Cravo, a rampa, lugar de todas as transações: verduras, artesanato de barro, de madeira, vindos das ilhas di barcos, jangadas, saveiros. O modelo mercado feira tem 5 entradas, parece um imenso barracão livre, todo ele dividido em função das barracas, qui lhe serve de: folhas de banho de limpeza, a tudo de pos-



sível, de imaginário e inimaginável, venha, vá e verás: no sábado, seu dia mais quente um bilhão de pessoas, de cabeças, de bocas bebendo, beijando-se esfregando. O maior acontecimento, fato-festa do dia, uma mistura bem misturada de tudo e tudo desse tudo, a maioria é artesanato com arte, poderíamos dizer, livre; não só a arte, como as pessoas que vivem lá e transam. Logo di início, chegando encontramos Fenix, Paulinho, Ieda, Chocolate, figuras, marco do lugar, da situação, além de ser, gente, gente do melhor brilho baiano. É muito simples comprar, se embelesar a você, sua casa seu apartamento, seu ilê, com as coisas vendidas no mercado, cesto de vime, de palha, empalhado, bonecas-baianas, de baianas do mercado mago. Tudo diferente, a comida de folhas, de efó, de azeite, mariscos, pratos leves, simplis — complicados, exotéricos, esotéricos, bara-

tos caros. Sua sorte por um conto, um crucifixo de latão de madeira de zinco de prata de ouro, pendurados nas barracas, organizadas com administrador e tudo. É a imagem perfeita, imperfeita de uma feira egípcia vista nos cenários de Roliúde. Tudo é realmente oriental mágico, tranquilo sereno, o mercado vive, sua vida de maneiras, qui você liberando a vossa imaginação, tudo encontrarás para o seu decor. Ou seja decoração de ambiente, como manda o figurino livre, free moda hipster. No mais tudo é lance, é visão, cortição, miséria, mendigos, bêbados, loucos, também sambas de roda, capoeiras e turistas, em busca do precioso, do nunca visto, do inusitado, da surpresa, da preciosidade da fonte da juventude, do pó santo curador, da aventura, da mistura misturada.



Nego Nízio.





A GREVE

S. Eisenstein — 1924

cartilha para amantes de cinema
amador das formas cinematográficas:
documentário de uma fábrica crítica (em crise)

intriga policial, chuva de espíões
super-close de olho atento aos menores movi-
mentos

na sequência de suspense dos perseguidos
entrevistos e refletidos através de espelhos,
dança de mendigos barris de mendigos

caricatura de burgueses com humor de Keaton
(e há uma sequência da apresentação dos es-
piões que atendem pelos nomes de macaco, co-
ruja rapôsa em que na imagem dos animais se
fundem as caras dos seus semelhantes) metali-
guagem; fotos vivas como janelas de policiais o
casebre operário e a família com fome e a crian-
ça suja sorrindo, lambendo e brincando o chão
do pai desesperado: cinema verdade,

cavaleiros assassinos por sobre multidões e edi-
fícios
geométricos nos planos

Griffith desde o princípio mais bang bang anô-
nimo

(e na sequência final, montado paralelamente
ao fuzilamento em massa dos operários em gre-
ve, um animal sendo sangrado pelo pescoço) o
cinema é um parque de diversões; nesse jogo,
uma pluralidade de dados e dedos.

TRISTANA

(Bunuel — 1970) 35mm — cor

um filme como se fosse o primeiro e como se a
história do cinema não tivesse nenhuma impor-
tância didática. Os mesmos sapatos, os mesmos
sinos, os mesmos padres, nobreza arruinada e
catolicismo, honra e socialismo, as mesmas rela-
ções familiares. Mas desta vez todo esse material
recupera sua significação original, porque trista-
na foi rodada em Toledo e a língua nunca foi
tão importante, e os personagens nunca foram
tão espanhóis. Mais do que em Viridiana, esta
volta de Bunuel à Espanha leva-o a raízes ainda
mais profundas: na sociologia da situação ou na

psicologia dos personagens. De maneira nenhu-
ma se pense que se trata de uma aproximação
teórica da "realidade espanhola", pois que todo
esses "dados" encontram sua evidência na ma-
neira como o diálogo se desenvolve, por isso a
versão espanhola do filme (que não passou no
Brasil) é fundamental para a ligação do especta-
dor com o drama. Pode-se até dizer que é esta
"alma espanhola" que é o eixo em que a ficção
se sustenta, pois que em Tristana, como na
maioria dos filmes de Bunuel, não há apêlos
dramáticos organizados no nível da direção de
atores, nem de montagem, nem de mixagem.

Tristana é dramaticamente linear e o diálogo, a
partir de um primeiro fio, traça a rede de fic-
ção. Não é que os outros efeitos em nenhum
momento apareçam, mas sempre como que uti-
lizados sem muito comprometimento estético.

Isto é, pra Bunuel, o cinema propriamente dito,
como de Eisenstein, não tem função normati-
va na construção de seus filmes, a gramática
cinematográfica é apenas um instrumento para
a exploração das ambiguidades da língua, se
bem que todo esse despojamento não impeça
que uma câmera deslize por uma parede até en-
contrar um relógio de estação de trem, que uma

câmera se movimenta por sobre ruínas a procura
de casal acabando uma conversa mal-entendi-
da. Talvez seja essa atitude livre diante do "ci-
nema" que faça com que Bunuel seja sempre
genial e ainda maldito.

D. Lope, Lope, Lopito — o pai, o avô, o amigo,
o tutor ou o marido de TRISTANA.

A FAMÍLIA

DO BARULHO

(Júlio Bressane — 1970)
35mm — preto/branco

fui criado acostumado a assistir televisão e
quando comecei a gostar de cinema foi mesmo
de Godard e o cinema brasileiro para mim era
uma coisa que valia mais por ser uma atitude
diante da cultura brasileira do que pelos filmes
eles próprios. Tinham a dignidade de obras im-
portantes mas não tinham nada que ver com

meu cotidiano vulgar nem com uma reflexão
sobre isso: "Além da imaginação" "Times Squa-
re", "Masculino/Feminino". A novidade de "O
Bandido da Luz Vermelha" era, pra mim, como
que a de ser o primeiro filme que misturava
tudo isso e fazia do bolo uma certa atitude cul-
tural também, mas a surpresa pra mim estava
vindo com "A Família do Barulho", foi real-
mente como se eu visse o primeiro filme brasi-
leiro que me satisfazia absolutamente; na cons-
trução da estrutura de montagem do temas, si-
tuações, planos (quase todos gerais de frente,

como em televisão), dos diálogos (sketchs de
programa humorístico ou filme chanchada), ou
o João Gilberto cantando Trêvo de 4 folhas pra
Helena Inês dançar sob um coqueiro.

vou contar pra vocês como é que o filme, mais
ou menos, se organiza: 1a. parte — plano de uma
ponte em Nova Iorque filmado de um carro
em movimento; repetição do mesmo plano
que originalmente foi filmado em 8 mm pe-
lo diretor então com 12 anos de idade.

2a. — cenas na casa de parente do diretor;
crianças brincando, pessoas jogando buraco,
a empregada passando roupa (plano fixo de
uns 3 minutos), retratos de família. Tudo
sem som.

3a. — a família do barulho propriamente di-
ta: Helena, Guará, Kléber, Grande Otelo,
Maria Gládis. Ficção, comédia debochada,
novas relações familiares, carnaval, Oswald
de Andrade. Da segunda parte, apenas, as
fotografias retornam de vez em quando nos
intervalos de ações do barulho.

Ah! E de repente a Gladys como Odalísca
dançando ou a Helena passando de um lado
ao outro da tela rebolando com a linguinha.

4a. — close-up dos três membros da família
do barulho, um de cada vez, sérios olhando
pra tela por minutos inteiros, com um som
de efeito pesadamente dramático. O último
olhar é de Helena e o sangue por fim lhe sai
pela boca.





Antes do fim ainda Helena roça algumas vezes a tela.

acho que esse foi um dos filmes mais lindos que eu já vi.

SEM ESSA ARANHA

(Rogério Sganzerla — 1970)
16 mm — cor

quando, mesmo antes de ver o filme, eu soube que Zé Bonitinho (o perigote das garotas) era ator principal, já comecei a rir. Podes ver tudo aquilo que ele fazia na televisão de novo mais o humor dos textos do Rogério mais ver ouvir o Luiz Gonzaga cantando Asa Branca ao mesmo tempo mais um show de boite de 3a. com mulheres cobras e boleros, tem até o Morengueira cantando James Bond!

Aranha — "eu preciso alimentar 80 milhões de brasileiros"

Voz off — "seria o aranha um agente do capitalismo internacional..."

o filme é composto de plano-sequências de 11 minutos (tempo de duração máxima do "magazine" da éclair 16). A fotografia é linda, feita pelo Edison Santos que operou camera na mão praticamente o tempo todo (atentem pra uma sequência nos camarins de um teatro em que a camera segue Zé Bonitinho por corredores de luz variada — deve ser um dos plano-sequências mais bonitos já feitos).

Outro dia eu vi a Silvana e a Carmem Costa cantando juntas no programa do Chacrinha e parecia que estava vendo uma sequência de "Sem essa Aranha". O Rogério é incrível e foi o primeiro diretor de cinema brasileiro que aprendeu esse lado da sensibilidade brasileira.

Sequência na piscina da casa do Aranha enriquecido:

Aranha fazendo discursos eloquentes sobre a situação internacional do café brasileiro (ou qualquer coisa assim), e, ao mesmo tempo, a Maria

Gladys (atriz genial, não percam "Cuidado Madame") passando por detraz e dizendo sem parar: "Ah eu tenho fome, ah eu tenho fome....."

E Rogério filma com uma liberdade que poucos tem. Entende mesmo, e isso tudo está desde o "Bandido da Luz Vermelha". Eu gostaria de ver mais vezes o "Aranha".

O MODERNO CINEMA BRASILEIRO

Já mais de uma década completa nosso novo cinema. Iniciativa de jovens conscientes das diversas realidades brasileiras, nossa modernidade se caracteriza pela criatividade no tratamento dos temas, os mais diversos, dentro das mais adversas condições técnicas ou na abundância de nossa indústria cinematográfica nascente.

Desde o lirismo social urbano de um "Rio 40 graus", da poesia selvagem de um "Barravento", da segura estilística reveladora da realidade nordestina de um "Vidas Secas", do realismo épico de um "Deus e o Diabo na terra do Sol", a mesma originalidade e invenção que se conserva nas mais recentes realizações, o delírio barroco político de um "Terra em Transe", a visão estrutural orgânica desencadeada por um "A Falecida", fome febre amor e loucura num "Fome de Amor", o amor antropofágico de um "Macunaima", a justeza histórico-racional de um "Os Herdeiros", ou um "Bandido da Luz Vermelha" que determinou um novo marco divisor na história de nosso cinema introduzindo o "elemento americano em nossa cultura cinematográfica, realismo suburbano, crítica contundente ao culturalismo francês" no dizer do colega Jorge Mautner. Tudo isso e ainda não falamos das realizações recentíssimas; o lirismo trágico urbano sofisticado de um "Matou a família e foi ao cinema", a retomada de fios deixados por Terra em Transe num "Copacabana Desvairada" ou mais ainda num "Sem essa aranha", o filme visto e feito como linguagem estrutura pela primeira vez bem sucedido num "A família do Barulho", o culto do cinema. Mais ou menos paralelamente a esta novíssima fase, assistimos também ao brotar do grande cinema industrial, os filmes de época; "Capitú", "Pindorama" ou a sátira moderna e inteligente de um "Capitão Bandeira contra o Colírio M. Brasil".

Por fim o caçula da 7a. arte entre nós; o cinema underground, representado principalmente pelas produções em Super 8 da qual se destaca um filme longametrage como "Nosferatu no Brasil", que, no dizer do colega Waly Sailormoon, é um filme de um jovem "na idade de ouro da poesia como descoberta das coisas que nunca viu: sexo, vampiros e escorpiões".

E muito mais ainda é nosso cinema, com sua pluralidade, punjança, invenção tudo que essas cucas maravilhosas produziram, produzem e vão produzir. E não se diga que o cinema brasileiro não prestigia nossa grande literatura! Posso até provar que desde 1906 filmamos nossas melhores obras: Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Carlos Drummond, Dias Gomes e muitos outros.

Vivemos um mundo conflituado e um tempo tempestuoso onde os valores mais puros e nobres somente por um esforço sobrehumano podem subsistir. Nosso mérito está em sempre podermos nos renovar e mantermo-nos fiéis a estes valores, esta sempre foi a característica fundamental de nossas artes. O cinema é flor de todas elas. Pra sempre jovens!

Machado Penumbra

P.S. eu gostaria mesmo era de entender de cinema e de fazer filmes como o Francois Truffaut.



Leite de Rosas

Machado Penumbra: pseudônimo de Oswald de Andrade.
Prefácio de João Miramar. Oswald escolhamba com Oswald. Machado Penumbra de novo se manifesta, com a atualidade de 22.





Este artigo foi escrito pelo jornalista russo Guenri Kochin, da Agência de Notícias Nóvosti, investindo contra a posição de Pequim durante a guerra Índia-Paquistão. É uma tentativa de mostrar as contradições da posição chinesa, dentro do seu "internacionalismo proletário", estabelecendo as semelhanças existentes entre a tática da China e os interesses norte americanos. Tudo isso visto através da perspectiva e dos interesses de Moscou, claro.

DE QUE LADO ESTÁ PEQUIM?

O representante de Mao Tsé-Tung na ONU se pôs abertamente ao lado dos Estados Unidos na questão do conflito bélico indo-paquistânês. Tergiversando intencionalmente a essência e as causas principais do atual conflito, Pequim e Washington encaminharam-se no sentido de manter o foco de tensão na península do Indostão.

A posição de Pequim não é casual. Ela emana tanto da política da direção chinesa, em seu conjunto, como de seus objetivos com respeito ao Indostão, em particular. Não é a primeira vez que o grupo chauvinista de Mao Tsé-Tung tenta valer-se das contradições nacionais e religiosas existentes entre distintos povos e dos litígios territoriais, com o propósito de, atirando uns povos ou países contra os outros, arrastá-los ao círculo de sua influência.

Especulando com as contradições indo-paquistâneas, a direção chinesa há muito que deposita suas esperanças no Paquistão, acatando sua vontade e atirando-o contra a Índia.

Desde o início dos anos sessenta, Pequim começou a conceder créditos e ajuda militar ao Paquistão, assim como fortalecer seu exército. Já nessa época, Mao Tsé-Tung e seu grupo instigavam o Paquistão à agressão

contra a Índia. Durante o conflito militar entre eles, em setembro de 1965, Pequim provocava por todos os meios conflitos fronteiriços no Himalaia, enviando ultimatus ao governo hindu, com o objetivo de irritar a situação e desencadear uma grande guerra na região e, deste modo, conseguir amarrar o Paquistão. O governo da China foi quase o único que recebeu uma das cópias da Declaração de Tashkent, que colocou as bases para o ajuste do conflito indo-paquistânês.

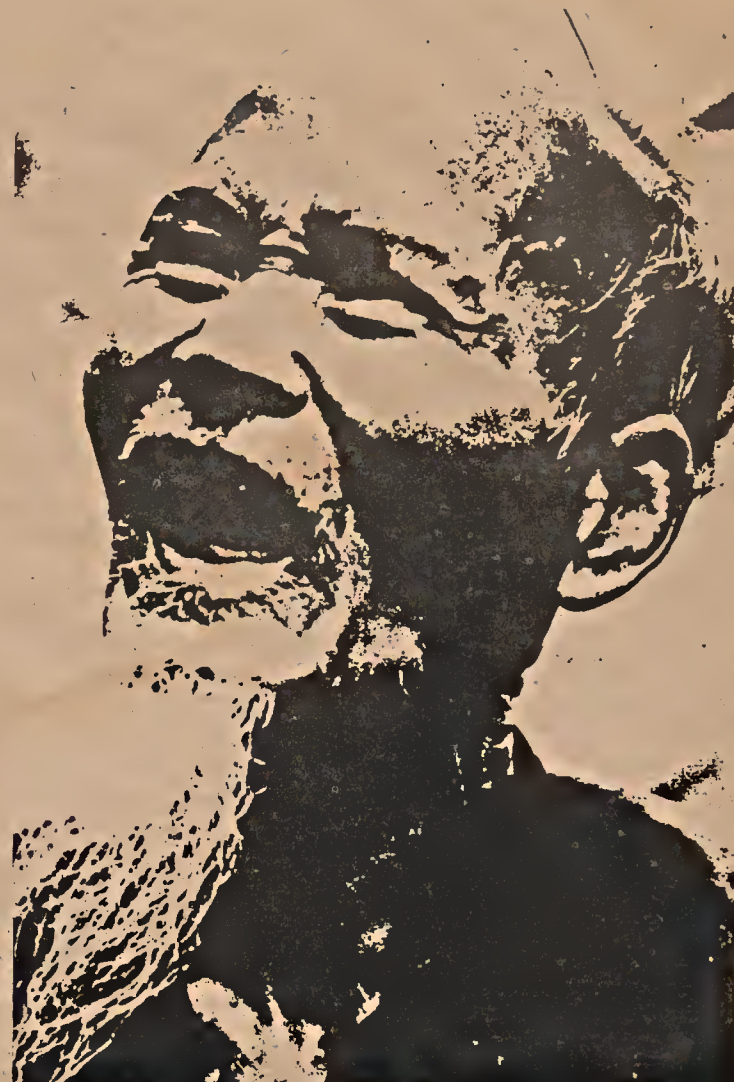
Não será demais recordar que com sua política de provocação, Pequim procurava então desviar a atenção da opinião pública mundial da agressão norte-americana no Vietnã. Em outras palavras, atuava, objetivamente, em interesse do imperialismo, contribuindo para consolidar as posições dos círculos reacionários nos países da Ásia e provocando um detrimento direto às forças progressistas.

Na atualidade, o fingimento dos "ultra-revolucionários" chineses se manifestou com especial força. Quantas declarações fizeram os maoístas com o fim de aparecer como "os defensores mais consequentes da luta dos povos pela liberdade e pela independência?" Mas, não foi dita uma só palavra acerca do que ocorria ultimamente no Paquis-

tão Oriental. Pequim silenciou o fato de que a população do Paquistão Oriental apoiou unanimemente o Partido Liga Popular nas eleições realizadas em dezembro de 1970, e não disse uma palavra a respeito do movimento de massas da população do Paquistão Oriental pela autonomia, pelos elementares direitos humanos e pela liberdade. Pequim silenciou completamente sobre o fato de terem as autoridades militares do Paquistão frustrado as negociações com os líderes da Liga Popular, a prisão do Xequê Rahman e de outros dirigentes da Liga, as represálias e o terror em massa contra a população do Paquistão Oriental.

É um paradoxo: os maoístas traíram até seus partidários no Paquistão Oriental. Entre os participantes do movimento pela autonomia do Paquistão Oriental, como se sabe, haviam aqueles que caíram sobre a influência de Pequim. Os maoístas não só lhes apontaram a espada, como também aconselharam o governo do Paquistão a "utilizar as armas chegadas da China, para exterminar a população civil". Era o que dizia, textualmente, no telegrama que Bhashani, líder do Partido Popular Nacional, enviou a Mao Tsé-Tung.

Quando se tornou impossível continuar silenciando sobre os



acontecimentos no Paquistão Oriental, a propaganda chinesa tomou o caminho de justificar as represálias e o terror em massa contra a população do Paquistão Oriental. "Pelo visto, dizia a respeito o semanário hindu "New Age" — aos olhos de Pequim a degola em massa e a desolação é um ato revolucionário".

A propaganda chinesa se preocupou em inverter os papéis: os verdadeiros representantes da população do Paquistão Oriental foram apresentados como "fragmentistas paquistâneos", e aqueles que levaram a cabo as represálias e o terror, como "interpretes dos interesses de todo o povo paquistânês". O representante de Mao Tsé-Tung na ONU, unindo-se ao grupo de países encabeçados pelos Estados Unidos, se manifestou contra a proposta de que fossem convidados ao Conselho de Segurança representantes do Movimento Nacional-Libertador do Paquistão Oriental. Com essa atitude Pequim mostrou que lhe eram totalmente indiferentes os interesses do Movimento e a trágica sorte dos dez milhões de refugiados do Paquistão Oriental.

Pequim subordina sua política com respeito ao Paquistão à obtenção de seus próprios interesses egoístas, fazendo finca pé na prestação de ajuda militar. Assim, em maio de 1971, Pequim recebeu uma delegação militar do Paquistão. Nesse mesmo mês, todos os jornais paquistâneos anunciaram que em adição aos 200 milhões de dólares prometidos por Pequim ao Paquistão, em novembro de 1970, a China lhe havia oferecido ajuda complementar. Em junho, a France Press, fazendo referência a círculos militares do Paquistão, anunciou que o exército paquis-

tanês esperava fornecimento de armas e munições da China para duas divisões situadas no Paquistão Oriental, destinadas à luta contra o movimento de Libertação Nacional, encabeçado pela Liga Popular. A 10 de setembro foi celebrada a cerimônia de entrega das primeiras amostras de produção de fábrica de guerra, situada em Dacca, construída com a ajuda e o crédito da República Popular da China. Em princípios de novembro, a convite de Pequim, viajou uma delegação, encabeçada pelo então Vice-Primeiro-Ministro Bhutto. Na mesma época, o Presidente do Paquistão declarava que "os chineses prometeram prestar ajuda ao Paquistão com armas e munições". No dia 15 de novembro, o New York Times publicou a notícia de que Pequim havia iniciado o fornecimento de armas ao Paquistão. Falava ainda sobre o envio de 200 instrutores chineses ao Paquistão, para "ensinar os métodos de luta contra os guerrilheiros". E, por último, observadores internacionais chamaram a atenção para a circunstância de que a advertência feita pelo Paquistão sobre o possível começo da guerra havia coincido com a chegada de uma delegação chinesa ao Paquistão. O prazo expirou no dia 3 de dezembro. No dia 4, a aviação paquistanesa bombardeava os aeródromos da Índia.

A direção chinesa continua tentando apresentar sua política como anti-imperialista. Entretanto, os passos práticos de Pequim fazem o jogo para as forças imperialistas, que tendem a cindir o movimento anti-imperialista. Mas, na realidade, no conflito indo-paquistânês, Pequim está do lado daqueles que anseiam desbaratar o movimento de libertação nacional dos povos, está de mãos dadas com Washington.





O Verbo

ENCANTADO

ANO

Número 16

Março de 1972

Transmissoras: Ciomara Paim
Coutinho / Comerciais: Tony Sa-
back / Gráficas: Luís Carlos
Café / Alvaro Guimarães /
Edição: Jorge Bião / Transmis-
soras: Ribamar y Ribancei-
ra / Diniz / Equipe: Nego
Níziol / Roberto Ribeiro e Gumé Ta-
vares / Músicas: José Cerqueira
Filho / Antonio / Reportagem:

Nelson Rocha / Transas gráficas: B
Marca e logotipo: Vadinho Pacheco / O
desenho da página central é de Edm-
zio / Fotografia: Juca Gonçalves / Fo-
tos de Emanuel Macedo (Paulinho da
Viola) e Ricardo Lisboa (Soninha/Alvi-
nho e Mercado Modelo) / Diagramação:
Anísio Queiroz / O Verbo Encantado é
impresso em off-set na Edisa, Editora
da Bahia S. A. / Circula nos Estados da

Bahia e Sergipe. O encarte da edição
de sábado da Bahia / Distribui-
do para o resumo Brasil pelo Di-
gitir Distribuidora de Jornais, Livros e
Revistas Ltda., Rua Visconde do
Brasil, 32, telefone 246.7.100 / Editado
pela Alef Empresa Jornalística Ltda.
Rua Visconde de Mauá, no. 53, casa 3,
telefone 2-2350 / Este Verbo é dedica-
do ao Arcano 16.